



ANÁLISE PRAGMÁTICA DA CRÔNICA “A ALIANÇA” DE LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Katianny Késia Mendes Negromonte; Diana Barbosa de Freitas; Dízia Araújo Lopes; Márcia Candeia Rodrigues

(Universidade Federal de Campina Grande/ katiannykessiakmn@hotmail.com)

RESUMO: O ensino de Língua Portuguesa ganha uma dimensão pragmática no que diz respeito ao uso das palavras e das sentenças inseridas em um determinado contexto enunciativo. Assim, trabalhar com textos nesta perspectiva, evidenciando na sala de aula, as categorias de tempo, pessoa, espaço, levantando os aspectos dos efeitos de sentidos que estes elementos provocam no texto, permite que os alunos façam leituras e interpretações mais coerentes sobre a(s) temática(s) do texto(s). Neste sentido, este artigo tem objetiva fazer uma análise pragmática da crônica narrativa “A aliança” de Luís Fernando Veríssimo, enfatizando, os elementos da dêixis: pessoa, tempo, espaço que constituem as categorias da enunciação, evidenciando os efeitos de sentido que estes provocam na relação autor-texto-leitor. Para isso, tivemos como fundamentação teórica os autores: Benveniste (1989), Antunes (2010) e Fiorin (2014). Os resultados desta pesquisa em relação à categoria de pessoa evidenciaram que nesta crônica utiliza-se do “eu” para demarcar uma subjetividade; do eu x tu para estabelecer um diálogo entre os personagens e do ele para provocar um efeito de impessoalidade. Em relação à categoria de tempo verifica-se que existe um mescla entre o pretérito perfeito X imperfeito; o pretérito imperfeito X futuro perfeito; o futuro perfeito X pretérito perfeito. Sobre a categoria de espaço observa-se tanto o espaço linguístico quanto o físico para situar o leitor em relação ao enredo da história. Neste contexto, reafirma-se a importância de trabalhar a interpretação textual a partir de contribuições da pragmática, pois torna a aprendizagem mais significativa nos eixos de ensino: leitura, escrita e análise linguística.

Palavras-chaves: Pragmática, Enunciação, Crônica “A aliança”.

1. INTRODUÇÃO

As concepções sobre o que é a língua se transformaram ao longo do tempo, consequentemente ocorreram mudanças significativas sobre o que é o texto e a sua didatização na sala de aula, uma vez que o ensino de Língua Portuguesa no decorrer dos anos vem ganhando uma dimensão pragmática, ao compreender que a língua não funciona em unidades isoladas: morfemas, fonemas ou palavras soltas, mas em unidades maiores: os textos. Estes não são, segundo Antunes (2010 *apud* Schmidt, 1978) “um conjunto aleatório de palavras ou de frases, mas um conjunto de enunciados em função” de um propósito

comunicativo.

Diante disso, entende-se que o objeto de estudo da pragmática diz respeito ao uso das palavras e das sentenças inseridas em um determinado contexto enunciativo, visto que, segundo Benveniste (1989), a língua é subjetiva, pois se concretiza entre interlocutores no momento da enunciação, sejam interlocutores face a face o “eu” e o “tu, ou o texto e o leitor, por exemplo. Assim, trabalhar com textos na perspectiva da pragmática, evidenciando na sala de aula, as categorias de tempo, pessoa, espaço, levantando os aspectos dos efeitos de sentidos que estes elementos provocam no texto, permite que os alunos façam interpretações globais deslocando-os de leituras de nível explícito para o de nível implícito do texto.

Tendo em vista esta problemática, este artigo tem como objetivo fazer uma análise pragmática da crônica narrativa “A aliança” de Luís Fernando Veríssimo, enfatizando, mais especificamente, os elementos da dêixis: pessoa, tempo, espaço que constituem as categorias da enunciação, buscando, portanto, evidenciar os efeitos de sentido que estes provocam na relação texto-autor-leitor. Para isso, tivemos como fundamentação teórica os autores: Benveniste (1989), Fiorin (2014), Antunes (2010). Este artigo contempla além da introdução, tópicos de fundamentação teórica, análise dos dados e considerações finais.

2. AS CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO: PESSOA, TEMPO E ESPAÇO

Benveniste (1989) afirma que cada pessoa fala a partir de si, ou seja, para cada falante o falar emana dele e retorna a ele, sendo assim, cada um se determina como sujeito em respeito ao outro ou a outros. Nesse sentido, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala, além de ser um instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em qualquer língua, sociedade ou época, entre o *eu* e o *não-eu*, operadas por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas na gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do *eu* ao *tu* e a oposição do sistema *eu/tu* a *ele*.



A primeira, a oposição *eu/tu*, de acordo com o autor, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético, autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano. A segunda oposição, a do *eu-tu/ele*, opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação. Têm-se aí o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua. Diante disso, aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta as outras duas analisadas: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação.

Por esse viés, Fiorin (2014) assegura que a pragmática é a ciência do uso linguístico que estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística. A enunciação, segundo o autor, é um dos domínios de fatos linguísticos que exigem a introdução de uma dimensão pragmática nos estudos, pois se refere ao ato de produzir enunciados, que diz respeito a uma realização linguística concreta, e isso se dá porque alguns fatos da língua só são entendidos a partir do ato de enunciar. Neste sentido, podemos dizer que um falante utiliza-se da língua para produzir enunciados, este comporta seus traços e suas marcas, ou seja, elementos que remetem à instância de enunciação. Esses conjuntos de marcas enunciativas colocados no interior do enunciado não é a enunciação propriamente dita, mas é a enunciação enunciada. Sendo assim, têm-se então dois conjuntos no texto: a enunciação enunciada, que é o conjunto de marcas identificáveis que remetem à instância de enunciação, e o enunciado, que é a sequência enunciada (dita) desprovida de marcas de enunciação.

A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso, pois é na linguagem que homem se constitui como sujeito, visto que somente ao produzir um ato de fala, ele constitui-se como um *eu*. O espaço e o tempo organizam-se em torno do sujeito, pois é aí que o sujeito enuncia, tomando como ponto de referência. Com isso, espaço e tempo

dependem do *eu* que neles se enuncia. O aqui é o espaço do *eu* e o agora é o momento de enunciação.

Em um texto, há basicamente três instâncias enunciativas. A primeira é a do enunciador e a do enunciatário, estes que correspondem a autor e leitor, ambos implícitos. O segundo nível da hierarquia enunciativa é constituído do *eu* e do *tu* instalados do enunciado, chamados de narrador e narratário, que também podem permanecer implícitos, quando, por exemplo, se narra uma história em terceira pessoa. O terceiro nível da hierarquia enunciativa instala-se quando o narrador dá voz a uma personagem, em discurso direto, chamados de interlocutor e interlocutário.

Em relação à pessoa, de acordo com Fiorin (2014), podemos perceber que há traços comuns na primeira pessoa e na segunda pessoa, que diferenciam da terceira. Primeiro, enquanto eu e tu são participantes da comunicação/discurso, o ele designa qualquer ser, ou não designa nenhum. Usa-se terceira pessoa quando a pessoa não é determinada, na chamada expressão impessoal, em que um processo é relatado como um fenômeno cuja produção não está ligada a nenhum processo ou causa. Segundo, eu e tu são reversíveis na situação de enunciação, por exemplo, quando se dirige a palavra a alguém, ele é o *tu*, quando ele responde, ele passa a ser o *eu* e *eu* torna-se o *tu*. Entretanto, com o *ele* não é possível essa reversibilidade. Outra diferença entre a terceira pessoa e as demais diz respeito ao fato de que esta, em português, apresenta uma forma de feminino e faz o plural com todas as outras palavras da língua, com o acréscimo do morfema *s*, as duas outras pessoas não têm formas específicas para o feminino e o masculino e tem formas distintas para o singular e plural. Assim, já que o *ele* não representa nenhuma pessoa, pode representar qualquer uma ou uma pessoa que está implícita no discurso. Por isso, a categoria de pessoa para Benveniste possui duas correlações: primeira, a da pessoalidade, em que se opõe pessoa (*eu/tu*) e não pessoa (*ele*), ou seja, participantes da enunciação e elementos do enunciado. Segunda, a da subjetividade, em que se contrapõem eu vs tu, a primeira é a pessoa subjetiva e a segunda é a



pessoa não subjetiva. É importante lembrar que é a situação de enunciação que especifica o que é pessoa e o que é não pessoa. Pois a mesma determina quem são os participantes do ato enunciativo e quem não está participando.

No que concerne ao tempo, existem basicamente três, o cronológico, o da língua e o físico. Detendo-nos ao tempo linguístico, vemos que está ligado ao exercício da fala, pois ele tem seu centro no presente do momento do dizer, então, quando um falante toma o turno, instaura um agora, este que é, o momento da enunciação. Assim, o agora é reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, e a cada ato de fala há um tempo novo, ainda não vivido.

O agora formado pelo ato de linguagem forma uma base que ordena a categoria da concomitância vs não concomitância. A não concomitância, por sua vez, articula-se em anterioridade vs posterioridade. Com isso, todos os tempos estão ligados à enunciação, criando assim, três momentos de referência: um presente (agora); um passado (anterioridade); e um futuro (posterioridade), sendo o primeiro chamado de momento enunciativo e o segundo e terceiro momentos enuncivos. De acordo com Fiorin (2014), há três momentos significativos para a determinação do tempo linguístico: momento da enunciação; momento de referência; e momento do acontecimento.

O espaço linguístico ordena-se a partir do lugar do eu, situando os objetos que se colocam como centro e ponto de referência da localização. O espaço linguístico é expresso pelos demonstrativos e por certos advérbios de lugar. O espaço não é o espaço físico, mas sim o lugar onde se desenrola a cena enunciativa. O pronome demonstrativo atualiza um ser do discurso, situando-o no espaço, de acordo com os estudiosos, essa classe de palavras tem duas funções distintas: uma de designar ou mostrar (dêitica) com o objetivo de singularizar, e uma de lembrar (anafórica), um dos mecanismos de coesão textual.

No próximo tópico, analisaremos uma crônica narrativa tendo em vista os elementos que constituem a enunciação.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Tendo em vista que o objetivo do nosso trabalho é analisar as categorias de enunciação pessoa, tempo e espaço, buscando evidenciar os efeitos de sentido que estas provocam no texto, vemos a necessidade de transcrever a crônica narrativa “A aliança” de Luís Fernando Veríssimo na íntegra, como segue abaixo:

A aliança

Luis Fernando Verissimo¹

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus 40 anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Consegui fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a

acreditar. Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

— Você não sabe o que me aconteceu!

— O quê?

— Uma coisa incrível.

— O quê?

— Contando ninguém acredita.

— Conta!

— Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?

— Não.

— Olhe.

E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.

— O que aconteceu?

E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

— Que coisa - diria a mulher, calmamente.

— Não é difícil de acreditar?

— Não. É perfeitamente possível.

— Pois é. Eu...

— SEU CRETINO!

— Meu bem...

— Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

— Mas, meu bem...

— Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações. Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa

¹ É importante destacar que Luis Fernando Veríssimo é conhecido pela produção de crônicas com teor humorístico. Além de ser cartunista, roteirista, tradutor, publicitário e músico. Vale ressaltar também a grande popularidade de suas publicações, entre crônicas, contos, romances e quadrinhos, contabilizando mais de sessenta escritos. Tal popularidade se dá devido ao estilo de linguagem simples e inteligente que costuma fazer uso da ironia para tratar assuntos delicados que envolvem aspectos do cotidiano.

cara? Nada, nada. E, finalmente:

— Que fim levou a sua aliança? E ele disse:

— Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no

casamento deles, mas que eles, com bom-senso, a venceriam.

— O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

Texto extraído do livro "As mentiras que os homens contam", Editora Objetiva - Rio de Janeiro, 2000, pág. 37.

A crônica narrativa tem por base uma história, às vezes, constituída só de diálogos que pode ser narrada tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Além disso, esse tipo de crônica retrata fatos do cotidiano, que são muitas vezes, banais ou comuns.

Narrada em terceira pessoa, a crônica *A aliança* enuncia questões relacionadas à dicotomia verdade X mentira, discutindo o cotidiano do casamento, levantando fatos sobre fidelidade X traição e tomando a aliança como um símbolo de compromisso e respeito mútuo. Nesse sentido, o contexto da enunciação parte de um acontecimento incomum que ocorreu com o “amigo fictício” do narrador. A história “exemplar” conta que um homem, ao voltar para casa, depois da sua rotina diária, teve seu pneu furado. Ao tentar concertar, sujou as suas mãos com óleo, o que fez com que a aliança escorregasse caindo no asfalto, quando deu um passo para pegá-la, sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro e caiu diretamente num bueiro. Preocupado, se dirigiu de volta ao carro, imaginando as perguntas que sua mulher faria ao chegar em casa e as supostas respostas que ele daria. Chegando em casa, a mulher o questiona pelo atraso, então pergunta que fim levou a aliança. O marido não conta a verdade com receio de que ela não acreditasse no que ocorreu. Então, ao invés de dizer que a aliança caiu num bueiro, ele afirma que a perdeu num motel quando estava fazendo um programa, namorando. Assim, a esposa se chateia, mas 10 minutos depois volta decidindo reerguer seu casamento, assegurando que isso não passava de uma crise e que o importante foi ele ter sido sincero, falando a “verdade” apesar de tudo em respeito e

consideração a sua esposa.

Nesse sentido, o autor faz uma crítica, através do humor, em relação à dicotomia verdade X mentira que permeia as relações conjugais de fidelidade entre o homem e a mulher. De acordo com Fiorin (2014, *apud* Benvesniste 1874), um enunciado possui marcas enunciativas que se remetem a: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, adjetivos e advérbios. Como se pode verificar no seguinte exemplo: *se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei*. Neste caso, o efeito de sentido presente é o da subjetividade, uma vez que o personagem se coloca, de forma ativa, na enunciação. Mas também vale ressaltar, que este conjunto de marcas não é a enunciação, mas é a enunciação enunciada, pois faz referência ao *eu* que enuncia, o que diferencia das marcas do ato enuncivo, pois não se consolida a partir do *eu*. Neste contexto, para que ocorra o processo da enunciação, é preciso que exista a oposição do *eu* e do *tu*.

Em se tratando da categoria de pessoa, para Fiorin (2014, *apud* Benvesniste 1874), as pessoas enunciativas são aquelas que participam dos atos de comunicação. Assim, têm-se um *eu* interlocutor que se dirige a um *tu* interlocutário, e o *ele*, sendo considerado como uma não-pessoa, pertence ao domínio do enunciado, ou seja, se caracteriza como uma pessoa enunciva. Voltando a crônica, verifica-se que existem três enunciadores: o narrador, o homem (marido) e a esposa. Constata-se no início do texto, com o uso do verbo “mantenha-a” (a primeira pessoa do imperativo) a presença implícita de um *eu*, demarcando, assim um efeito de subjetividade, bem como de interação com o leitor. Além disso, verifica-se também a utilização do discurso do outro², para isso, recorre-se a pessoa enunciva, ou seja, o *ele*, isto pode ser constatado a partir do seguinte fragmento:

De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o *apartheid*, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média.

Inicialmente, tem-se a voz do narrador situando a instância de enunciação, ou seja, o

² Entende-se por discurso do outro as diferentes vozes que permeiam tanto a enunciação quanto o enunciado.

tópico temático que desencadeia a história, um exemplo disso é quando o narrador faz referência através do pronome possessivo *meu* ao personagem da história narrada: “Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.” Observa-se um deslocamento desse pronome na oração. Tal deslocamento propicia um novo sentido no texto. O narrador que se mostrava distante, utilizando a terceira pessoa do singular, que marca a impessoalidade no texto, agora se coloca enquanto sujeito da enunciação, estabelecendo uma afinidade com o personagem.

Dá-se continuidade a narrativa através da descrição do que ocorreu com o personagem, nesta, observa-se a mudança do pronome possessivo para o pronome pessoal o *ele*, quando inicia o segundo parágrafo afirmando: “ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora”. Em seguida, é possível perceber a transitoriedade de falas a partir das marcas enunciativas presentes no texto, pois, ao relatar as suposições feitas pelo personagem após a perda da aliança, o narrador dá voz ao marido e também a esposa, por meio da imaginação, como pode ser visto no seguinte trecho:

- Você não sabe o que me aconteceu!
- O quê?
- Uma coisa incrível.

Assim, evidencia-se um *eu* e um *tu*, sendo o primeiro o interlocutor e o segundo interlocutário. Esta relação marca um fenômeno polifônico³, que diz respeito à heterogeneidade de vozes mostrada no discurso, neste caso, o discurso direto. Por esse viés, o texto ganha uma maior velocidade, no que se refere às ações que transcorrem na narrativa.

Em relação à temporalidade linguística criam-se três momentos de referência: a) o presente, que indica o agora, pois coincide com o momento de enunciação; b) o passado, que indica uma anterioridade com o momento de enunciação; c) o futuro, que remete a uma posterioridade a esse momento. Sabendo disso, observamos que a crônica *A aliança* utiliza-se no início do primeiro parágrafo o presente do tipo pontual, uma vez que existe coincidência entre o momento de referência e o momento de enunciação: *Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média*. No entanto, nas últimas linhas faz-se uso do pretérito

³ Segundo a perspectiva dialógica de Bakhtin, a polifonia é entendida como sendo a diversidade de vozes controversas no interior de um texto.

perfeito, veja-se esta assertiva a partir do seguinte fragmento: *Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.*

Dando sequência a narrativa, no segundo parágrafo constata-se uma mescla entre o pretérito perfeito e pretérito imperfeito, que diz respeito a uma relação de anterioridade ao momento do acontecimento e o momento de referência presente. Contudo, o que diferencia estes dois tempos verbais, são os seus aspectos. Observe os exemplos: *Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. [...] Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou.* O pretérito perfeito (deu, chutou) assinala um aspecto acabado, limitado e pontual, enquanto que o pretérito imperfeito (estava, fazia) marca um aspecto não-limitado, inacabado e durativo. Por isso que, quando o narrador relata ações acabadas, utiliza do primeiro, mas quando faz descrições, utiliza-se do segundo. Nota-se que quando o autor emprega essa mescla entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito, os efeitos de sentido mudam, uma vez que o primeiro demarca uma certeza em relação ao fato ocorrido. Já o segundo é uma ação contínua no passado, por isso que ao fazer descrições opta-se por esse tempo verbal.

Para introduzir as perguntas supostas pelo personagem, o narrador recorre ao uso do presente pontual e ao futuro do pretérito: — *Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?— Não. — Olhe. E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.* Como se pode observar, ao se usar o verbo “mostraria” se expressa uma relação de posterioridade do momento do acontecimento em relação ao momento de referência pretérito, isto quer dizer que, a ação pode acontecer, mas está presa ao passado. Conseqüentemente, vê-se que exprime um efeito de expectativa e um futuro de valor hipotético. Afinal, possivelmente, o personagem pode ou não mostrar a aliança.

Por fim, nos últimos parágrafos da crônica, verifica-se a transição do futuro do pretérito para o pretérito perfeito, como em: *E ela saíria de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações. Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por*

que essa cara? Nada, nada. Cria-se, assim, um efeito não mais de hipótese, mas sim, de concretização da ação (sairia – chegou).

A fim de concluirmos, analisa-se agora a categoria de espaço. Este, segundo Fiorin (2014), ordena-se a partir do *hic*, ou seja, do lugar do ego. Linguisticamente, o espaço é expresso pelos pronomes demonstrativos e pelos advérbios de lugar. Na crônica *A aliança*, o narrador utiliza do pronome demonstrativo *esta* para introduzir, de maneira catafórica, o tipo de história que será narrada: *Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo.* Além disso, permite que o leitor saiba o tipo da história que será contada quando afirma que: *Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média.* Nota-se que o narrador provoca uma quebra de expectativa, mas ao mesmo tempo incita uma curiosidade no leitor por meio do espaço linguístico, criando efeitos de sentidos no decorrer do texto.

No segundo parágrafo da crônica, o narrador utiliza-se de vários espaços físicos, como por exemplo, “voltando para casa”, “cassino em Samarkand”, “encostou o carro no meio fio”, “caiu no chão”, “voou para um bueiro”, “seguiu para casa”, “entrando em casa”, para desenvolver as cenas enunciativas, incitando nos leitores a possibilidade de imaginar o espaço da cena narrada.

Outro fator que observa-se em relação ao espaço é a construção de diálogos propiciada pela narrativa. Ao enunciar, a interação entre um *eu* e um *tu* acarreta um espaço linguístico, e este, por sua vez, ao fazer o jogo entre verdade (a história real do que aconteceu com o personagem, a perda da aliança num bueiro) e mentira (o que o personagem falou a sua esposa sobre a perda da aliança) suscita um efeito humorístico sobre a temática da crônica. Logo, percebe-se que este espaço criado mobiliza efeitos de sentido no leitor, suscitando nele a temática da crônica, pois se criam pessoas, tempo, espaço na enunciação.

A partir disso, é possível perceber que ao analisar um texto evidenciando as categorias de pessoa, tempo e espaço, a interpretação textual se torna pragmática, pois põe em cheque a



utilização da linguagem entre os interlocutores: o *eu* e o *tu*, o aqui e o agora da enunciação.

Depois dessa análise, atenta-se agora para as considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar no âmbito do ensino, especificamente, no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, se faz necessário repensar as práticas docentes. Nesse prisma, ao abordar o ensino pelo viés da pragmática, coloca-se em evidência a língua enquanto uso, visto que essa área de estudo está voltada para a relação com os usos situados da língua e com certos tipos de efeitos intencionais.

Nesse sentido, no momento em que se exploram as categorias da enunciação (pessoa, tempo e espaço) dentro do texto, evidencia-se um estudo que vai além da mera decodificação dos códigos linguísticos, uma vez que o objeto de estudo da Pragmática é o uso das palavras e das sentenças, inseridas em determinado contexto. É observando tais usos que se enxerga as marcas enunciativas presentes na materialidade linguística e assim vê-se que os significados das palavras se dão na relação com a situação de comunicação. Com base na análise da crônica *A aliança*, verifica-se que há certos fatos linguísticos, que só são entendidos no ato de enunciar. Por essa razão, reafirma-se o quão importante é o trabalho pragmático com os textos na sala de aula para uma aprendizagem mais significativa tanto da leitura quanto da escrita, bem como da análise linguística, evidenciando os efeitos de sentido que permeiam essas práticas.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística geral II: princípios de análise*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2014.

Crônica Disponível em: <http://www.releituras.com/lfverissimo_alianca.asp> Acesso em 28 de janeiro de 2015.